

Entre duas memórias:  
María de San José (Salazar) O.C.D.,  
fundadora do primeiro Carmelo descalço  
feminino em Portugal<sup>1</sup>

Isabel Morujão  
Universidade do Porto

Como luceros entre las estrellas menores  
Fr. Luís de León

O Carmelo Descalço em Portugal

No quadro do conturbado e a vários níveis complexo séc. XVI, a reforma da vida católica que se seguiu ao Concílio de Trento constituiu um dos factos mais marcantes e decisivos para a vida espiritual dos séculos que se seguiram. A reforma carmelita iniciada por Santa Teresa em Agosto de 1562, transformada em província carmelita<sup>2</sup> por Breve de Gregório XIII, em 22 de Junho de 1580, e posteriormente erigida em Congregação em 10 de Julho de 1587, pelo Breve *Cum de Statu* de Sixto V, foi talvez um dos marcos mais visíveis e vigorosos da corrente de renovação da vida religiosa e da espiritualidade da Península Ibérica, nos inícios da Idade Moderna.

---

1. Previsivelmente, a publicação das Actas deste colóquio ocorrerá em 2003, justamente o ano em que se completam 400 anos sobre a morte desta autora, que viveu entre 1548 e 1603. Por isso, a escolha de María de San José como tema de comunicação para este colóquio é uma forma, ainda que modesta, de homenagear uma figura excepcional do primitivo Carmelo Descalço e uma escritora de merecido recorte, sobre quem a História lavrou pesadas injustiças, e que até hoje, em Portugal, onde a religiosa viveu os últimos 18 anos de vida, não foi ainda objecto de qualquer estudo.

2. Como era já longo desejo da Santa e favorecia a expansão da reforma. Ver a carta de Santa Teresa a Jerónimo Gracián, datada de 13 de Dezembro de 1576: «Oh, qué deseo tengo de ver las monjas quitadas de la sujeción de calzados! En viendo hecha provincia he de poner la vida en esto, porque de aquí viene todo su mal, y es sin remedio» (SANTA TERESA DE JESÚS, Carta 159, ponto 9, *Obras Completas* (Transcripción, Introducciones y notas de Efrén de la Madre de Dios, O. C. D. y Otger STeggink, O. CARM.), 8.ª ed., Madrid, B.A.C., 1986, 1056).

Em terras portuguesas, a descalcez carmelitana remonta a 1581, ano em que se funda em Lisboa, sob a invocação de S. Filipe<sup>3</sup>, o primeiro convento masculino de Carmelitas Descalços<sup>4</sup>, beneficiando do clima de favorecimento que, em contexto pós tridentino, se dispensava às ordens reformadas.

#### A primeira fundação feminina: o convento de Santo Alberto

«A famosa cidade de Lisboa, afeiçoada do trato dos filhos de Sta. Teresa, desejava casa das filhas, não se prometendo menos delas do que via neles». É nestes termos que a *Crónica de Carmelitas Descalços* redigida pelo português Fr. Belchior de Santa Ana apresenta o contexto da primeira fundação de descalças femininas em Portugal. Vários nobres<sup>5</sup> se organizaram para pedir ao Prior de S. Filipe, Fr. Ambrósio Mariano, «procurasse trazer religiosas àquela cidade, que mais que qualquer outra de Espanha era acomodada para elas»<sup>6</sup>. Nesse sentido, a 16 de Outubro de 1584, parte para Sevilha Fr. Ambrósio Mariano, e a 19 de Janeiro de 1585 fundava-se em Lisboa o primeiro convento de carmelitas descalças, tendo como fundadora a Madre María de San José Salazar<sup>7</sup>, uma discípula de Santa Teresa e talvez uma das suas religiosas mais emblemáticas.

Este projecto fundacional estivera desde muito cedo nos desejos da Santa<sup>8</sup>, a quem o contexto da fundação portuguesa fora apresentado em revelação<sup>9</sup>, associado justamente à figura de María de San José, então priora do convento de descalças de Sevilha.

3. Em honra de Filipe II, que sempre pugnou pela reforma das ordens religiosas em Espanha e que interveio sempre favoravelmente nos assuntos que envolviam os carmelitas. Ver Joaquín SMET, O. CARM., *Los Carmelitas. Historia de la Orden del Carmen, II – Las reformas. En busca de la autenticidad (1563-1750)*, Madrid, B.A.C., 1990, 9-13.

4. Estender a Portugal a reforma carmelita foi desde cedo um projecto de Santa Teresa. No Capítulo de Madrid, em 1581, o Geral Gracián de la Madre de Dios deu prioridade a essa missão, aproveitando do facto de D. Sebastião ter desaparecido em Alcácer-Quibir e, portanto, Portugal se desenhar no horizonte político como uma quase certa província hispânica. Para Prior dos primeiros Descalços de Lisboa encarregaram Frei Ambrósio Mariano, um italiano a quem os descalços espanhóis viam como presença diplomática e consensual, que esbateria um eventual clima de conflitualidade, nesta época de animosidade política entre Portugal e Espanha.

5. Os mais activos em todo este processo foram D. Duarte de Castel-Branco, Conde do Sabugal, D. Luís de Lencastre, Comendador-Mor de Avis e D. João Lobo, Barão de Alvito (Cf. Fr. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços, Particular do Reino de Portugal e Província de S. Filipe*, Tomo I, Lisboa, Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657, 123). Sobre a persistência desta ligação aos carmelitas portugueses (descalços e calçados) de D. Duarte de Castel-Branco e da sua família (com especial referência à nora, D. Luísa Coutinho, a quem foi dedicada a *Vida e Morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação*, da autoria de Fr. Luís da Apresentação O.CARM.), ver Maria de Lurdes Correia FERNANDES, «Recordar os “santos vivos”: leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do séc. XVII português», *Via Spiritus*, 1 (1994), 133-155.

6. Fr. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, Tomo I, 123.

7. Logo em Sevilha dispuseram os padres de quem deveria ocupar o lugar de priora, tendo a escolha recaído em María de San José, facto que não deixou esta religiosa colhida de surpresa, pois, como dizem as crónicas, «muitas vezes a tinha nossa santa Madre prevenida e avisada de a ter eleita o Céu para fazer esta jornada» (SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 125).

8. À própria María de San José escreve a Santa, em 4 de Abril de 1580, mostrando o quanto lhe agradaria uma fundação portuguesa: «Más qué sería si se hace lo de Portugal!, que me escribe don Teotonio, el arzobispo de Evora, que no hay más de cuarenta leguas desde ahí allá. Por cierto para mí sería harto contento» (Cf. Carta 333, ponto 19, *Obras Completas*, edição citada, 1280).

9. Em Sevilha, a reacção de Fr. Jerónimo Gracián à missão de Fr. Ambrósio Mariano é relatada pela *Crónica de Carmelitas Descalços* de Fr. Belchior de Santa Ana do seguinte modo: «Bem estava ele em que era conveniente que viessem freiras a este reino a fundar conventos, antes sempre teve por infalível que haviam de vir, porque tinha em sua mão a revelação que Deus fez a nossa santa Madre, e ela deixou escrita de sua própria letra» (tomo I, 124).

Projectada pela visão profética de Santa Teresa e favorecida pelo contexto político e religioso da altura, surge assim a primeira fundação de religiosas carmelitas descalças em Portugal<sup>10</sup>, inaugurada a 19 de Janeiro de 1585, sob a invocação de Santo Alberto<sup>11</sup>. A ligar a primeira fundação feminina portuguesa de carmelitas descalças à figura da Fundadora, Teresa de Jesús, ficou uma relíquia oferecida pelo Padre Provincial Fray Antonio de Jesús, a mão esquerda da santa<sup>12</sup>, uma espécie de sinédoque expressiva da continuidade do labor reformista da Madre, bem como da sua direcção espiritual em momentos difíceis que então corriam.

Criava-se assim, entre Espanha e Portugal, uma rede de empenhamentos mútuos na renovação espiritual da Ordem, que só viria a quebrar-se em 1773, com o Breve *Paterna Sedis* de Clemente XIV, que separava os carmelitas descalços portugueses dos espanhóis, erigindo a Ordem dos Carmelitas Descalços de Portugal. Mas Portugal era então, nesse final do séc. XVI, apenas uma pro-

---

10. Não deixa de ser curioso assinalar que a *Crónica de Carmelitas Descalços* de Fr. Belchior de Santa Ana apresenta a fundação desta primeira casa de carmelitas descalças em Portugal num contexto propositadamente milagroso. De facto, o pedido dos nobres portugueses dirigido a Fr. Ambrósio Mariano obrigava este religioso a abandonar a cidade de Lisboa para tratar dos assuntos da fundação em Sevilha. Esta viagem custava-lhe sobretudo por ter de abandonar o acompanhamento que vinha fazendo a D. Isabel de Castro, Condessa do Sabugal e grande benfeitora da Igreja, que estava no seu leito de morte, «pelo que se viu o Padre Frei Ambrósio perplexo, entre a obediência devida ao Cardeal e a caridade que havia de ter com uma sua filha, no tempo do maior aperto que há na vida». Recorrendo à oração, o Padre Mariano percebeu que Deus prolongaria a vida da Condessa até ao seu regresso. E assim foi. Despedindo-se dela a 15 de Outubro, tranquiliza-a dizendo: «Cale senhora, que não há-de morrer até que eu venha». «Esta foi a primeira maravilha deste caso: porque todos os médicos assentavam que sem milagre não podia estender-se aquela vida mais de dous dias». A condessa aguentou até à véspera de Natal, dia em que regressou a Lisboa Fr. Ambrósio Mariano, que a assistiu durante a noite, «morrendo a senhora às três da manhã» (Tomo I, 124).

11. Desta vez em honra do Cardeal Vice-rei Alberto, sobrinho de Filipe II. É curioso notar que os patronos dos primeiros conventos de carmelitas reformados em Portugal se recortam em torno de figuras políticas: S. Filipe, em homenagem a Filipe II, para os frades; e Santo Alberto para as freiras, em homenagem ao Cardeal Alberto, sobrinho de Filipe II e regente de Portugal na ausência do rei. Tal facto contrariava a tendência dos carmelitas espanhóis, que colocavam os seus conventos sob a égide dos santos da ordem, sobretudo S. José e, mais tarde, Santa Teresa. A propósito de Santo Alberto reagiram as carmelitas de Ávila, num poema em que lamentam a quebra da tradição de se colocarem as religiosas sob a protecção de S. José e que se referirá mais adiante, em 2.2. Esta atitude explica-se talvez pela recente mudança política em Portugal, que passara a ser província de Espanha, justamente o país que então expandia a sua reforma a Portugal e cujo rei favorecia, com a sua acesa devoção pós tridentina, todas as ordens reformadas. De facto, só em 1581 Filipe II é aclamado rei em Portugal, justamente o ano em que se fundou o primeiro convento carmelita descalço masculino português. Por essa altura, residia Filipe II em Portugal, no âmbito dessa viagem oficial para juramento nas cortes de Tomar e entrada triunfal em Lisboa, em que Filipe II entrou em Elvas em 5 de Dezembro de 1580 e chegou a Madrid a 28 de Março de 1583. «Não tardou o P.e Fr. Ambrósio Mariano a visita ao rei (...) para lhe expor os seus projectos de fundação, que lhe mereceram o melhor acolhimento, a ponto de generosamente querer arrogar a si o padroado do novo convento», conta David do CORAÇÃO DE JESUS O.C.D., *A Reforma Teresiana em Portugal*, Lisboa, Salesianos, 1962, 10. Quanto ao Cardeal Alberto, o facto de ser bisneto do nosso rei D. Manuel I e de ser legado e representante do Papa atenuou junto dos portugueses a imagem de sujeição de Portugal a um rei estrangeiro «não contribuindo pouco para uma certa conformidade formal que nos primeiros anos deu a ilusão de aceitação do novo regime político», como se afirma em Francisco CAEIRO, *O Arquiduque Alberto de Áustria – vice-rei de Portugal*, Lisboa, edição do autor, 1961, 19. De facto, ao escolher Santo Alberto para patrono do mosteiro, Maria de San José dava largas à devoção que tinha por Santo Alberto, ao mesmo tempo que prestava homenagem a um homem de sangue português (embora castelhano, ao serviço da coroa castelhana), que muito havia contribuído para a rapidez com que se processou a fundação desta casa carmelita em Portugal e que a favoreceu com avultada quantia de dinheiro, sedas, ornamentos e «um cálix de muito preço», segundo a informação de Fr. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 123 e 132. O Cardeal Alberto, à semelhança de Filipe II, dedicava um grande amor à Ordem, e enviou para este convento de Santo Alberto, para nele se criar, uma sobrinha sua, filha do seu irmão, o Imperador Matias, que depois veio a tomar o hábito com o nome de Micaela de Santa Ana.

12. A rapidez com que se deu cumprimento a este desejo de vários nobres portugueses terem na sua cidade um convento de carmelitas descalças foi de encontro à vontade de muitos carmelitas em fundar uma casa feminina em Portugal.

víncia remota e incomunicável, sobre a qual não chegavam grandes notícias, e onde uma melindrosa unidade política com Espanha dificultava empreendimentos e projectos<sup>13</sup>.

Uma priora carismática: María de San José

A nova fundação, composta inicialmente por religiosas que tinham todas sido discípulas<sup>14</sup> de Santa Teresa, e a tinham acompanhado em algumas das suas viagens fundacionais<sup>15</sup>, contava talvez com aquela que teria sido a discípula dilecta da santa e uma das suas religiosas mais carismáticas: María de San José<sup>16</sup>.

Em María de San José tinham as carmelitas de Santo Alberto um modelo de prelada exemplar, cujas qualidades a própria santa nunca deixou de louvar: «la que va para priora, harto para ello», escreveu a Inés de Jesús, a 12 de Maio de 1575, a propósito da fundação de Sevilha, onde María de San José seria priora até vir para Portugal. Noutra carta, de 29 de Abril de 1576, escreveria a María Bautista: «Y esta priora tiene un ánimo que me ha espantado, harto más que yo»<sup>17</sup>.

A vida e os escritos de María de San José deixam no leitor que sobre eles se debruce uma

---

O selo de união das duas casas carmelitas (castelhana e portuguesa) e a aposta neste projecto expansionista da reforma de Santa Teresa em terras portuguesas ficaram bem patentes na oferta desta relíquia da mão esquerda da santa, com que o então provincial Fray Antonio de Jesús brindou este convento de Santo Alberto: «Traía consigo la mano izquierda, que del cuerpo de nuestra Madre Santa Teresa avia cortado, quando le pasó de Alba à Ávila, esperando alguna grande occasion de su empleo. Hallóla en este convento, considerando, quanto estimaria su Alteça de el señor Cardenal Alberto tener tal joya dentro de su gobierno. La grandeza de la Ciudad, y el mucho aprecio que los señores portugueses hazen de semejantes reliquias fueron tambien motivo de su inclinacion. Concurrieron las peticiones de Religiosos y Religiosas, y todo le obligó à hazer à aquel Convento depositario de tan gran tesoro», conta Francisco de SANTA MARÍA, *Reforma de los Descalzos de Nuestra Señora del Carmen de la Primitiva Observancia, hecha por Santa Teresa de Jesus en la antiquissima Religion, fundada por el gran profeta Elias*, 2.ª impr., Tomo Segundo, Madrid, 1720, 130. Este pormenor da relíquia não aparece referido na crónica portuguesa de Fr. Belchior de Santa Ana.

13. Ao ser anexado à coroa castelhana, Portugal conservou, apesar de tudo, uma aparente autonomia. As cortes de Tomar, em 1581, definiram, ainda que a contra-gosto de Filipe II, um quadro de entendimento luso-castelhano, no qual Portugal mantinha as suas estruturas político-administrativas, embora ajustadas ao novo contexto político, através da criação do Conselho de Portugal e da figura de representação régia, para os tempos em que o Rei não residisse em Portugal. Sobre a questão dos poderes durante o governo dos Filipes, veja-se António de OLIVEIRA, *Poder e oposição política em Portugal no período filipino (1580-1640)*, Lisboa, Difel, 1990.

14. Eram elas Mariana de los Santos, Blanca de Jesús, Inés de Santo Eliseo.

15. «Como elas tinham andado alguns caminhos com nossa madre santa Teresa, seguiram seu estilo neste. Cada dia ouviam missa no primeiro lugar de Igreja a que chegavam, e de dous em dous dias comungavam, sem haver pressa que as obrigasse a perder esta refeição da alma», conta Belchior de Santa Ana, *Crónica dos camelitas descalços*, tomo I, 126.

16. O apreço de Santa Teresa por María de San José começou logo que a conheceu em Toledo, em casa de D. Luísa de la Cerda. Já depois de María de San José estar priora em Sevilha, existiu algum mal estar entre esta e a santa, pois Dória, na altura pessoa de toda a confiança de Teresa de Jesús, comunicou-lhe que María de San José se preparava para ir fundar outro convento, sem a ter consultado. Se a notícia foi ou não bem contada, pouco se sabe hoje. Em resposta a María de San José, diz Santa Teresa numa das suas cartas: «No sé cómo dice vuestra reverencia que el padre Fray Nicolao la ha revuelto conmigo, porque no tiene otro defensor mayor en la tierra. Decíame él la verdad para que – como entendía el daño de esa casa – no estuviese engañada. Oh, mi hija, qué poco va en disculparse tanto para lo que a mí me toca! porque verdaderamente le digo que no se me dá más que hagan caso de mí, que no, cuando entendiese aciertan a hacer lo que están obligadas» (Carta 307, ponto 9, *Obras Completas*, edição citada, 1246). Perdeu-se muita correspondência entre Santa Teresa e María de San José, mas o que se pode captar das alusões das cartas que se conservam permite perceber que a Santa admoestou María de San José, que sempre acatou com humildade o que a Fundadora disse e determinou. Pormenores à parte, o que é um facto é que a opinião de Santa Teresa acerca desta religiosa voltou à antiga admiração.

17. Ver SANTA TERESA, Carta 102, ponto 8, *Obras Completas*, 974.

impressiva marca, pela elegância fina do estilo e pela modernidade do pensamento, resultante de uma personalidade a vários títulos atraente, que a História vai pouco a pouco resgatando do silêncio, mas da qual se torna difícil falar, atendendo à intrincada rede de intrigas e de interesses em que sempre viveu rodeada.

Antes de entrar propriamente na forma como a historiografia carmelitana construiu a sua memória histórica em torno desta religiosa, impõe-se um rápido excuro histórico, que contextue o clima de tensão vivido entre os descalços depois da morte de Santa Teresa, e ainda em vida desta, sobretudo porque os desentendimentos entre Jerónimo Gracián e Nicolau Dória viriam a ter sérias repercussões sobre María de San José.

A historiografia da reforma narrou, inevitavelmente, estes primeiros tempos da Descalcez em Portugal. Mas veremos de que modo esta realidade, refigurada pelo discurso histórico, foi pensada e dada a ler à posteridade.

#### Excuro histórico

Entender a vida e os escritos de María de San José pressupõe uma referência às tensões vividas entre os descalços, a partir de 1585, quando Nicolau de Jesus Dória é eleito provincial

A reforma do Carmelo proposta por Santa Teresa nem sempre esteve isenta de controvérsia e encontrou na pessoa de Nicolau Dória um dos mais fortes opositores, embora inicialmente as divergências não fossem notórias. Separava-os uma postura diversa face à organização de vida religiosa. Teresa valorizava a liberdade das preladas escolherem confessor para as religiosas, de acordo com as necessidades de cada uma<sup>18</sup>; e a liberdade das religiosas elegerem nova priora ao fim de um ano (e não de três), em caso da superiora dar provas de incapacidade de orientar as suas filhas, ou a de manterem no cargo uma prelada que desse sinais de ser absolutamente vocacionada para o ser, sem que esquemas jurídicos obrigassem à sua substituição, com claro prejuízo da comunidade. Ora Dória, para além de provavelmente duvidar<sup>19</sup> que simples mulheres fossem

18. «No siempre gustarán de uno todas», dirá a este propósito a D. Sancho d'Ávila, na carta 382, datada de Junho de 1581, ponto 2, *Obras Completas*, edição citada, 1333. Sobre a posição de Santa Teresa sobre o assunto, afirma I. MORIONES que «juzga indispensable la madre Fundadora que sus hijas gozen de la libertad necesaria para tratar con personas doctas y santas, que puedan suplir posibles deficiencias del confesor ordinario» (*vide* Ildefonso MORIONES, *El P. Doria y el carisma teresiano*, Roma, s/e, 1994, 38).

19. Quer Santa Teresa, quer, mais tarde e com maior incisão, María de San José insistiam no governo de mulheres para mulheres. Veja-se a carta de Santa Teresa a Jerónimo Gracián, datada de 13 de Dezembro de 1576, onde se pronuncia sobre o destino das monjas que não passasse pela estreita atenção da sua Prelada: «Yo bien tengo entendido que ningún remedio tienen monasterios de monjas, si no hay de las puertas adentro quien guarde» (Carta 159, ponto 9, *Obras Completas*, edição citada, 1056). Mas é sobretudo María de San José quem, no *Libro de Recreaciones*, aponta, logo na «Primera Recreación», para a necessidade de serem as mulheres a contar a sua própria história, através do diálogo entre Justa e Gracia: «Oh hermana Justa!, y cuán de buena gana comenzara – dijo Gracia – esa materia, porque ha muchos días que ando con grandes deseos de hacer un memorial de algunas cosas que vi y oí a la buena Madre; pero pareceme imposible salir con ello, lo uno por mi rudeza, que no sabrá decir nada, y lo otro, que es lo que más me acobarda, es ser mujer, a quien ya por ley que ha hecho la costumbre, parece que les he vedado el escribir, y con razón, pues su oficio propio es hilar, porque, como no tienen letras, andan muy cerca de errar en lo que dijeren.

– Yo confieso – respondió Justa – que sería muy gran yerro escribir ni meterse las mujeres en la Escritura, ni en cosas de letras, digo las que no saben más que mujeres, porque muchas ha habido que se han igualado y aun aventajado a muchos varones; pero dejemos esto, qué mal es que escriban las mujeres cosas caseras? Que también a ellas les toca, como a los hombres, hacer memoria de las virtudes y buenas obras de sus madres y maestras, en las cosas que sólo ellas que las comu-

capazes de pôr em marcha, com oportunidade, decisões tão acertadas, viu sempre, nesta organização, uma maquinação do demónio, que permitia que o orgulho e a vaidade do cargo assumido pudessem tomar conta de uma prelada e destruir a humildade entre as religiosas. Por isso preferiu legislar no sentido de garantir protocolos externos para as eleições, que passaram a ser meros actos administrativos, e não escolhas fundamentadas no amor da prelada para com as suas filhas e vice-versa, como pretendia a santa<sup>20</sup>.

Para a compreensão de todas estas divergências é fundamental conhecer um pouco do percurso de Nicolau Dória. Nascido em Génova em 1539, aos 31 anos exercia em Sevilha, com habilidade e astúcia, o ofício de banqueiro. Um dia, perturbado por um naufrágio onde quase perdeu a vida, decidiu mudar de rumo e preocupar-se com a sua alma. Depois de uma rápida preparação em Latim e Teologia, ordena-se sacerdote em 1576. A amizade e admiração que sentia por Fr. Ambrósio Mariano levaram-no a tomar o hábito de carmelita descalço no convento dos Remédios de Sevilha, onde professou a 25 de Março de 1578.

A ascensão e afirmação de Dória na Ordem dos Descalços é rapidíssima. Marcado por um grande zelo em assuntos administrativos, que trazia como herança da sua anterior profissão de banqueiro, e dotado da tenacidade e dedicação própria dos tardiamente convertidos, Dória foi desde logo chamado a ocupar lugares de destaque entre os Descalços. Um ano depois da tomada de hábito, em 1579, já era prior do noviciado de Pastrana e três anos depois elegem-no Primeiro Definidor, em Março de 1581. Ildefonso Moriones tem chamado a atenção para esta curta formação carmelita de Nicolau Dória, que explicará um pouco a sua actuação futura<sup>21</sup>. Em 10 de Maio de 1585 o P. Dória é eleito provincial, em conflito aberto com a pessoa e as posições de governo do P.e Jerónimo Gracián, justamente a figura que Santa Teresa apoiara e propusara abertamente para primeiro Provincial.

Em Abril de 1587, o Capítulo intermédio de Valladolid, no balanço que fez aos primeiros anos de governo de Dória, apresentou vários pontos que reclamavam alguma correcção. As monjas pediam que não mudassem as suas leis e que não lhes impusessem as dos frades. O Padre Gracián proferiu um discurso onde demonstrou as vantagens da anterior forma de governo centrada na figura do Provincial e não no modelo de Consulta implantado por Dória, onde o Provincial era apenas «primus inter pares». E a maioria do Capítulo decide abandonar a experiência de Consulta e continuar com o sistema anterior, mais conforme com o que tinha aprendido de Santa Teresa. Este terá sido, segundo Moriones, um momento decisivo da vida e da acção de Dória, que terá interpretado este sentir da província não como um sinal da necessidade de reflectir a partir de quem estava na Ordem há mais tempo e melhor conheceria as intenções da reforma teresiana, mas como um indício de debilidade dos Descalços, algo receosos do rigor e da exigência de perfeição

---

nican pueden saber, y forzosamente ocultas a ellos, fuera de que podría ser que a las que están por venir les cuadrase más, aunque escrito con ignorancia y sin curiosidad, que si las escribiesen los hombres, porque en caso de escribir y tratar de valor y virtud de mujeres, solemos tenerlos por sospechosos, y a las veces nos harán daño, porque no es posible sino que cause confusión las heroicas virtudes de muchas flacas, como por la misericordia de Dios en estos floridos tiempos de esta renovación vemos (María de SAN JOSÉ (SALAZAR), *Escritos Espirituales* (Edición y notas de Simeón de la Sagrada Familia, Postulador General de los Carmelitas Descalzos), Segunda edición, Roma, Postulación General O.C.D., 1979, 53-54).

20. «Procure ser amada, para que sea obedecida» diz o n.º 34 das *Constituições*. Como já acima se viu, em carta a Gracián datada de 13 de Dezembro de 1576, escrevera a Santa: «Yo bien tengo entendido que ningún remedio tienen monasterios de monjas, si no hay de las puertas adentro quien guarde» (Carta 159, ponto 9, *Obras Completas*, ed. cit., 1056). Por isso, os mosteiros por ela fundados dependem inteiramente da direcção da prioresa, que só muito discretamente era apoiada por confesores e visitantes.

21. Ver *El padre Dória y el carisma teresiano*, cit.



propostos por Dória. Por isso, decidi continuar no seu impulso reformador, para implantar entre Descalços e Descalças uma altíssima perfeição. No fundo, Dória quis reformar a própria reforma, esquecendo-se de que chegara ao Carmelo já tarde e que, por isso, lhe faltava uma perspectiva histórica mais consistente e uma interiorização de certas coordenadas espirituais incontornáveis ao plano de vida religiosa estabelecido por Santa Teresa. A rigidez de convertido<sup>22</sup> com que quis reformar o que já havia sido reformado afastava-o da concepção de liberdade e suavidade que Santa Teresa inculcava entre os Descalços.

É sobretudo entre os anos de 1587 e 1588 que o P.e Dória, então já Vigário Geral da Congregação dos Carmelitas Descalços, inicia um controlo severíssimo de todos os religiosos reformados, procurando libertar-se do P.e Gracián, a quem priva dos seus ofícios e manda desterrado para o México. O Cardeal Alberto, em Portugal, consegue impedir o desterro, e Gracián regressa a Lisboa, facto que acirra os ânimos de Dória, que centra sobre María de San José toda a sua animosidade contra os reformadores primitivos. Sobre María caíram calúnias<sup>23</sup> que insinuavam ter sido ela quem agenciara, com intenções alegadamente escandalosas, o regresso de Gracián a Lisboa, aquando da sua condenação ao desterro no México.

Face ao desvirtuamento que o Padre Dória ia introduzindo na fórmula de vida religiosa pensada por Santa Teresa, as carmelitas tentam salvaguardar a herança de Santa Teresa, na integridade das suas *Constituições*. María de San José, juntamente com Ana de Jesús, do convento de Descalças de Sevilha, foram as obreiras do pedido que as Carmelitas Descalças enviaram ao Papa, no sentido de serem aprovadas as *Constituições* deixadas por Santa Teresa, na versão que mais as aproximava das intenções da santa<sup>24</sup>. No Breve *Salvatoris* de 5 de Junho de 1590, as religiosas saboreiam a vitória de serem confirmadas as *Constituições* e de passarem a ter um comissário próprio que as governasse, mas agudizam o conflito com Dória, que reage violentamente, ameaçando as religiosas de não lhes dar assistência, e convencendo Filipe II<sup>25</sup> a mover as suas influências na cúria, para que se revogasse o Breve, escamoteando, no entanto, o facto de que as *Constituições* aprovadas no Breve anterior correspondiam às intenções da santa. O contexto político e social de Espanha de Filipe II<sup>26</sup> permitiu que Dória fizesse vencer os seus pontos de

22. Em *El Padre Dória y el carisma teresiano*, capítulo X, Ildefonso Moriones transcreve uma carta de Dória ao P. Cafardo, Vigário Geral da Ordem, escrita em 1578, onde descreve o estilo de vida do noviciado e onde afirma: «Este modo de proceder tão religioso persuadiu-me a escolher esta religião entre todas as outras, para me refazer da minha vida passada. E estou cada vez mais contente, parecendo-me que, se não somos estorvados, não se pode melhorar». Esta transcrição ilustra bem o entusiasmo e o rigor de Dória, à luz de uma necessidade sua de fazer conversão.

23. No séc. XVIII, o *Memorial a Carlos III* de Julián de Jesús María continuava esta linha de pensamento, de onde resultou um denegrimiento histórico desta figura, que alguns consideravam santa. De facto, o ajuste de contas com a História só começou a ser feito na Ordem do Carmo Descalço com o Padre Geral Antonio de los Reyes, no séc. XVIII. Sobre a questão, veja-se I. MORIONES, *El P. Dória*, cit.

24. Note-se que a versão das *Constituições* que Santa Teresa apresentou para aprovação no primeiro Capítulo provincial da «Ordem de descalços e descalças Carmelitas», em 1581, era o resultado de vinte anos de experiência como fundadora. A Santa redigira as *Constituições* logo em 1562, durante os primeiros meses de fundadora, em S. José de Ávila. Sobre este assunto, ver Ildefonso MORIONES, *Ana de Jesús y la berencia teresiana. Humanismo cristiano o rigor primitivo?*, Roma, Edizioni del Teresianum, 1968, 26.

25. Antes de ser religioso, Dória tinha sido um homem da confiança de Filipe II. Sobre as relações de Filipe II e o Carmelo descalço, ver María Pilar MANERO SOROLLA, «Santa Teresa y Felipe II», in *Actas del V Congreso de la Asociación Internacional Siglo De Oro*, (Ed. Cristoph Strosetzki), Munster, IberoAmerica Vervuert, 1999, 826-834.

26. Para uma compreensão do que terá sido a personalidade de Filipe II e do que foi o seu percurso formativo, a sua predisposição religiosa e a sua atitude de estadista, será sempre interessante ler Henry KAMEN, *Felipe de España*, Madrid, Siglo veintiuno, 1997.

vista. Em 25 de Abril de 1591, o Breve *Quoniam non ignoramus* de Clemente XIV revogava o Breve anterior, legitimando a acção do Padre Dória. Em 1592, Dória fez imprimir umas *Constituições* que impôs às religiosas, proibindo-as de se regerem por qualquer outra versão que não aquela<sup>27</sup>, perdendo-se assim muito do que foi a frescura e novidade da reforma de Santa Teresa. Nesse mesmo ano, Dória procura cortar o mal pela raiz, expulsando Gracián da Ordem e silenciando Ana de Jesús e María de San José. Esta última ficou reclusa no cárcere conventual por um ano, sem direito a voz e sem voto por dois anos. No fundo, faltaram a Nicolau Dória qualidades e experiência de mestre de espírito, para poder entender os religiosos e religiosas de quem estava à frente.

Depois da morte de Dória, subitamente, em 1594, María de San José recobra a esperança de que o Carmelo reformado pudesse recuperar das suas perdas e quedas. Os seis anos de governo do Padre Elías de San Martín não conseguiram, no entanto, mitigar os estragos de nove anos de governo de Dória. Mas abrandaram os rigores, apesar dos partidarismos que nunca acabaram. Em 1600, Francisco de la Madre de Dios sucede a Elías de San Martín, e reabre o clima de rigores e metodologias de Dória. Em 1603, por sua ordem, María de San José é levada repentinamente para Talavera e, dois dias mais tarde, para Cuerva, onde morreu cerca de um mês depois, em 19 de Outubro de 1603, no mesmo mês em que, curiosamente, também morreu Santa Teresa.

O destino de Cuerva não terá sido inocente nesta tramóia urdida contra María de San José, que o mesmo será dizer contra a reforma empreendida por Santa Teresa. Este convento de Cuerva, que tinha como priora Ana de los Angeles, colocara-se totalmente ao lado de Dória no litígio sobre as *Constituições*, e foi totalmente frio o acolhimento que fez a María de San José<sup>28</sup>. Parecia ser necessário que María de San José ficasse num ambiente onde as suas palavras não pudessem dar fruto. Por isso a tiraram de Lisboa, antes que as já longas insistências de Bérulle conseguissem levá-la para França como fundadora<sup>29</sup>.

Todo este clima destinava-se provavelmente a impedir que ela cumprisse o que Santa Teresa afirmara numa das suas cartas: que por sua morte, fosse María de San José a Fundadora<sup>30</sup>. O governo da Ordem criou-lhe desde muito cedo um terreno armadilhado, interessado em comprometê-la, juntamente com o Padre Gracián, para os retirarem da cena reformista onde se tornaram incómodos aos que pretendiam distorcer o pensamento de Santa Teresa. Por isso, María de San

27. Mas não esqueçamos que Santa Teresa, ao morrer, deixara umas *Constituições* em 59 pontos. As do Padre Dória perfaziam 461! O número, só por si, não seria significativo, se a extensão não correspondesse a uma reformulação muito rigorista e deformadora do que foi a reforma de Santa Teresa.

28. Sobre a posição tomada pelo convento de Cuerva, veja-se I. MORIONES, *Ana de Jesús y la herencia teresiana*, 309-310, onde se transcreve a carta de Ana de los Angeles ao Vigário da Ordem, na qual afirma: «(...)En tan breves años de nuestros principios ha habido quien de nosotras se atreva a pedir sin licencia ni consentimiento de los prelados un Breve tal y sin dar parte a las monjas, en cuyo nombre está claro haberse perdido».

29. Não era a primeira vez que as diligências do francês Quintanadueñas de Brétigny para fundar carmelos em França iam cair em María de San José. Tinha tentado em 1583, antes de María de San José vir para a fundação portuguesa, e tentou ainda no último ano de vida da religiosa. A vontade de fundar uma casa de carmelitas reformadas em França testemunha bem do sucesso da reforma teresiana, justamente por se tratar, na altura, de um país inimigo da coroa espanhola, que travava as aspirações imperialistas de Filipe II. No ano em que Ana de Jesús chega a França para fundar a primeira casa, já Filipe II tinha morrido.

30. Veja-se a Carta de Santa Teresa a María de San José, datada de Burgos, 17 de Março de 1582: «Vuestra Reverencia lo dice tan bien todo que, si mi parecer si hubiera de tomar, despues de muerta la eligieran por fundadora, y aun en vida muy de buena gana, que harto más sabe que yo y es mejor; esto es decir verdad. Un poco de esperiencia la hago de ventaja; mas de mí hay ya que hacer poco caso, porque se espantaría cuán vieja estoy y cuán para poco, etc» (Carta 419, ponto 2, *Obras Completas*, 1375).



José não teve em Portugal o papel de fundadora<sup>31</sup> itinerante, semelhante ao que viria a ter em França e na Flandres, no séc. XVII, Ana de Jesús<sup>32</sup>, também ela uma primitiva discípula de Santa Teresa, e que com Maria de Salazar lutou pela preservação das *Constituições* originais<sup>33</sup>.

## María de San José na historiografia do Carmelo

### 1. A historiografia castelhana

As primeiras crónicas da Ordem<sup>34</sup> tratam de forma muito desigual esta personalidade carmelitana, que os actuais historiadores da Ordem anseiam por ver reconhecida nos altares<sup>35</sup>. Entre a crónica espanhola de 1644 e a *Crónica* portuguesa de 1657 existem discrepâncias intrigantes, que há que interrogar. De facto, o texto redigido em Espanha por Fr. Francisco de Santa Maria, em 1644, insere a referência a María de San José no âmbito da fundação do convento de Santo Alberto em Lisboa, mas sem se deter em grandes pormenores. Valoriza-lhe sobretudo o descrédito com

---

31. De facto, Maria de San José, já depois do cárcere, foi requestada pelo Arcebispo de Évora para, juntamente com outras religiosas, reformar o Mosteiro do Menino Jesus, em 1595, o que prova o quanto a sua fama de perfeita carmelita não saiu abalada de todo este episódio. Mas a intriga entre casas religiosas e entre priores levou a que o projecto caísse por terra, tal como suspeitara María de San José, que o expressou numa carta enviada ao Arcebispo, onde expôs a sua perspectiva sobre o assunto, e que a *Crónica* portuguesa de Santa Ana transcreve nas pp. 357-358 do seu tomo I. Só em 1642 Portugal viria a ter outro convento de carmelitas descalças, ao qual se sucederam ainda mais nove conventos, até 1889: 1658, 1681 (dois conventos, em Évora e Lisboa), 1702, 1739, 1767, 1780, 1781, 1889.

32. Em França, as *Constituições* de Santa Teresa prevaleceram sempre inalteradas, o que criou neste país uma grande capacidade para acolher a reforma. Portugal, peado pelas intrigas de bastidores e minado por divergências de estratégias, não chegou a ser terreno fértil para fazer crescer as fundações portuguesas. Ana de Jesús, levada como fundadora pela mão de Pierre Bérulle, fundou as seguintes casas: Paris (1604), Dijon (1605), Pontoise (1606), em França; Na Flandres, fundou Bruxelas (1607), Lovaina (1607) e Mons (1608).

33. Ana de Jesús foi também, juntamente com María de Salazar, uma figura de destacada importância na consolidação da reforma de Santa Teresa, com quem fundou vários carmelos femininos. No entanto, e bem apesar de lhe terem várias vezes pedido que expusesse em livro a sua doutrina espiritual, Ana de Jesús nunca escreveu uma linha nesse sentido. Hoje, a sua correspondência foi editada por Concepcion TORRES, *Ana de Jesús. Cartas (1590-1621). Religiosidad y vida cotidiana en la clausura femenina del Siglo de Oro*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1995, e a sua importância na memória histórica do Carmelo foi fixada na já clássica, embora polémica, obra de Ildefonso MORIONES, *Ana de Jesús y la herencia teresiana (...)*.

34. Mesmo em adiantado séc. XVIII, Julián de Jesús María escreve um *Memorial* da Congregação Espanhola dirigido a Carlos III, que desfigura as duas principais personalidades do governo carmelitano de XVI: menospreza os méritos e virtudes de Gracián, acentuando-lhe os defeitos, e fazendo o contrário com Nicolau Dória. Contra esta versão se pronunciará vivamente Antonio de los Reyes, no mesmo séc. XVIII, numa réplica de 49 páginas, onde reclama a necessidade de se esclarecer a verdade dos factos, de forma veemente e drástica: «Porque el principal objeto de esto escrito no es el de deslucir a nadie, sino sólo el honor de la verdad (...) y que esto tocaría a nuestra Congregación de España, a cuyo nombre se cometieron los excesos y atentados de que se habla en esto escrito, así contra el Padre Gracián, como contra nuestra Santa Madre, contra San Juan de la Cruz (...), María de San José, Ana de Jesús y otros grandes sujetos de la misma Congregación; debería satisfacer a todos suprimiendo en primer lugar los dos primeros tomos de la Historia, mandando escribir de nuevo a persona capaz, imparcial y de buena crítica, y amante sobretudo de la justicia y de la verdad» (transcrito de I. MORIONES, *El Carmelo Teresiano y sus problemas de memoria histórica*, Vitoria, Ediciones El Carmen, 1997, 185 e 238).

35. «Una nueva edición, más completa y esmerada, de los escritos de esta ilustre hija de Santa Teresa (...) sale por segunda vez a luz bajo los auspicios de la Postulación General de la Orden, con el deseo y la esperanza de que esta grande mística y escritora del Carmelo Teresiano sea reconocida algún día por la Iglesia como candidata al honor de los altares», diz Simeón de la SAGRADA FAMILIA, no «Prólogo» a *Escritos Espirituales*.

que olhou os pretensos estigmas de Soror Maria da Visitação<sup>36</sup>, que então davam brado em toda a Península. Mas para além destas alusões, o Padre Francisco de Santa Maria passa em branco as actividades que desenvolveu enquanto prelada, bem como as perseguições que marcaram a vida desta religiosa em terras portuguesas.

Assim, depois de informar que Santa Teresa dela fiara os assuntos de maior importância, o cronista castelhano atribui-lhe muito de passagem as virtudes da discricção, sagacidade e prudência, e entra de imediato no louvor de monjas portuguesas que se distinguiram pela virtude neste convento de Santo Alberto. Ao todo, apenas três páginas<sup>37</sup>, onde a focalização em Maria de San José Salazar se dilui, na obediência às exigências do relato: contextos, acompanhantes, descrições de sítios, incidentes, etc.

A falta de informação proveniente de Portugal poderia justificar o silêncio de Francisco de Santa Maria relativamente ao zelo com que María de San José guardou e implantou a reforma teresiana em Santo Alberto ou à fama de santidade que alcançou entre as suas irmãs e na corte portuguesa. Mas como explicar que o cronista castelhano cale a morte desta discípula de Santa Teresa, ocorrida em território espanhol, em Cuerva<sup>38</sup>, em 1603, para onde a desterrou o conluio dos seus inimigos, que pretenderam afastá-la de Lisboa, onde era muito admirada? Como explicar que, tendo a sepultura sido aberta anos depois da sua morte pelo Geral Fr. Alonso de Jesús María, e estando o seu corpo incorrupto, em Castela se ativessem os fiéis aos milagres da túnica daquela a que chamavam já «santa», e o cronista castelhano silencie estes dados? Deveremos perguntar-nos de que fontes dispôs<sup>39</sup> o cronista (e não lhe faltariam, dada a correspondência de María de S. José com Dória, Santa Teresa, Ana de Jesús, etc.), ou antes quais os seus objectivos como historiador e que história queria contar<sup>40</sup>? Parece-nos que as últimas hipóteses serão talvez as mais produtivas...

Não era fácil, para um autor do séc. XVII, narrar os primeiros cinquenta anos do Carmelo Teresiano. Como diz Ildefonso Moriones, «a la dificultad objetiva de esclarecer la verdad se añadia la de contarla a gusto de sus superiores que entonces gobernaban la Orden, y que se sentían implicados casi directamente en los hechos narrados, o al menos mui próximos a ellos»<sup>41</sup>.

36. As carmelitas de Sevilha hospedaram-se em Lisboa, no Convento da Anunciada de religiosas dominicanas, enquanto aguardavam os últimos preparativos da casa que iriam habitar, tendo sido aí que María de San José conheceu a famosa «Monja de Lisboa» e logo desconfiou de uma santidade tão cautelosa e tão contente de si mesma.

37. Ver Fray Francisco de SANTA MARÍA, *Reforma de los Descalzos de Nuestra Señora del Carmen de la Primitiva Observancia, hecha por Santa Teresa de Jesus en la antiquissima Religion, fundada por el gran profeta Elias*, 2.ª impression, Tomo Segundo, Madrid, 1720, 127-129.

38. O tomo VII da *Reforma de los Descalzos*, no Libro XXIX, cap. 53, 544-545 ocupa-se com notícias de Cuerva, mas não alude sequer a María de San José

39. No que se reporta às fontes utilizadas, Francisco de Santa Maria parece escusar-se das omissões que cometeu, atribuindo a responsabilidade às próprias monjas. Parece também ler-se uma certa hostilidade em relação às seguidoras de Santa Teresa, porque, numa altura em que a escrita feminina não era muito comum e sobretudo não era de todo incentivada pelos homens, o frade afirma, na p. 558 do tomo I da citada obra: «Aunque se ha apuntado algunas cosas particulares de las hijas de este convento, muchas más se pudieran notar, si huvieran sido ellas tan cuidadosas en la pluma, como en la imitación de las más aventajadas. Yo tambien pudiera decir mucho por el largo conocimiento, si fiara de mi memoria con los muchos años gastada, la legalidad, y puntualidad que la Historia pide».

40. Parece óbvio que a história que Francisco de Santa Maria quis passar à posteridade era a que correspondia ao então discurso oficial da Ordem. Para tal, procura convencer o leitor de que as alterações às *Constituições* de Santa Teresa teriam partido da própria santa: «Ya desde aquí comenzo nuestra Santa Madre a experimentar que los confesores de fuera de la Orden regularmente son de poco provecho, y de ordinario de mucho daño. Por lo qual adelante mudó otro parecer que antes habia tenido, y deseó cerrar la puerta que a título de desahogo en la confesion habia abierto, según veremos en otro lugar» (SANTA MARÍA, *Reforma de los Descalzos (...)*, tomo I, 558).

41. Ildefonso MORIONES, *El Carmelo Teresiano*, 83.

Já Jerónimo de San José, na sua *Historia del Carmen Descalzo*, editada em 1637, excluiu María de San José do capítulo que intitulou «Religiosas de insigne y conocida santidad»<sup>42</sup>. E não foi com certeza ingenuamente que assim (des)construiu a História<sup>43</sup>. Como se sabe, as fundações de monjas resultaram num rotundo êxito para Santa Teresa, o mesmo não acontecendo com as fundações de frades. As casas femininas que fundava eram cópias fiéis da que fundara em Ávila. O grupo de prioresas que deixou, quando morreu, eram mulheres formadas e acompanhadas pessoalmente pela santa, capazes de traduzir integralmente, para a posteridade, o espírito da reforma<sup>44</sup>. E, em quase todos os conventos fundados pela santa, as prioresas escolhidas permaneceram no seu cargo até ao fim da vida.

Este desprezo que a historiografia oficial carmelitana em Espanha deu a María de San José deve-se, naturalmente, ao facto de ela ter sido uma das grandes apostas de Santa Teresa e de ter pertencido ao grupo privilegiado dos que viveram a primigénia reforma teresiana e, portanto, àquelas que, de alguma forma, a poderiam ter levado por diante, com êxito e fidelidade.

De facto, em María de San José recortava-se o perfil ideal para dar continuidade à reforma de Santa Teresa, não só pela inteligência, intuição, carisma de prelada, cultura, espírito empreendedor, capacidade argumentativa, zelo e determinação, mas pela confiança que a Santa nela tinha depositado e que transparece em várias cartas. Lembre-se que Santa Teresa, reconhecendo a aptidão<sup>45</sup> de María de San José para prelada<sup>46</sup>, e conhecendo a sua capacidade de escrita, ter-lhe-á pedido que redigisse um pequeno tratado, em que expusesse normas para as preladas, que terá dado origem aos «Consejos que da una priora», redigidos por María de San José já em Lisboa, entre 1590 e 1592, e que terão ampla difusão nos prelos franceses. Talvez por viver momentos de inquietação face à possibilidade de subsistência de uma memória fiel à reforma de Santa Teresa, María de San José pareceu sentir necessidade de legar para a posteridade a estratégia pedagógica de grande excepcionalidade que presenciara em Santa Teresa<sup>47</sup>. E assim, depois dos «Consejos que da una priora», redige, já em 1602, um ano antes de morrer, uma *Instrucción de Novicias*, onde expõe, em forma de diálogo, o pensamento de Santa Teresa no campo da educação das noviças, preservando assim a tradição primigénia da reforma. França foi o primeiro país a editá-la, em 1612, não só por se tratar da primeira Instrução escrita para noviças carmelitas, como pelo facto de, em França, sob a acção eficaz de Bérulle, se terem sempre conservado as *Consti-*

42. Ver I. MORIONES, *El Carmelo Teresiano*, 208 (nota).

43. Veja-se também a mesma atitude no tomo VI da *Reforma de los Descalzos de Nuestra Señora del Carmen*, continuado por Fr. Manuel de S. Jerónimo, que, no Libro XXVI, cap. XVI, 675, não refere María de San José nos «Elogios de algunas insignes Religiosas que murieron en fama de virtud en diversos conventos».

44. Ver Ildelfonso MORIONES, *Ana de Jesús y la herencia teresiana (...)*, 101.

45. A grande intuição de Santa Teresa para perceber quando estava perante alguém com capacidade na condução de almas transparece numa carta a Jerónimo Gracián, datada de 15 de Junho de 1576, com quem desabafa a sua preocupação pelo estado de saúde de María de San José: «La madre Priora está mejor, aunque no del todo buena; harta pena me da su mal, y más me daría si no tuviese esperanza de que ha de sanar – por ser peligroso el mal – porque perderíamos el mejor sujeto que tiene la Orden» (Carta 105, ponto 6, *Obras Completas*, 979).

46. Ver, atrás, *Uma prioresa carismática*.

47. «Me llamó el Señor a la religión viendo y tratando a nuestra Madre y a sus compañeras, las cuales movían a las piedras con su admirable vida y conversación, y lo que me hizo ir tras ellas, fue la suavidad y discreción de nuestra buena Madre. Y creo verdaderamente que si los que tienen oficio de llegar almas a Dios usasen de la traza y maña que aquella santa usaba, llegarían muchas más de las que llegan», diz María de San José em *Libro de Recreaciones* («Segunda Recreación»), *Escritos Espirituales*, 64. A eficácia dessa pedagogia tinha-a já experimentado Santa Teresa, que diz o seguinte a D. Teotónio de Bragança, em carta datada de 2 de Janeiro de 1575 (Carta 79, ponto 8, *Obras Completas*, 942): «En comenzándose queda en quince días asentada nuestra manera de vivir, porque las que entran no hacen más que lo que ven a las que están».

*tuições* teresianas de 1588, enquanto em Portugal e Espanha, por acção de Dória, terem prevalecido as *Constituições* por ele reformuladas e editadas em 1592<sup>48</sup>.

O cronista castelhano cala estes dados, afastando-se da perspectiva teresianista, no sentido de fazer prevalecer uma certa concepção de história sobre o facto histórico.

## 2. A historiografia portuguesa: Fr. Belchior de Santa Ana

A crónica portuguesa de Fr. Belchior de Santa Ana trata de forma bem diversa a figura de María de San José, consagrando-lhe mais de cem páginas. Escrita a partir de uma perspectiva portuguesa, a crónica acarinha María de San José e acompanha pormenorizadamente a vida desta religiosa, de quem diz que não reparava «em viver mais em Castela que em Portugal, com castelhanos ou com portugueses: que como na sua estimação o mundo era um ponto que de seu tem ser indivisível, não distinguia nele províncias, lugares ou nações»<sup>49</sup>. Estas afirmações parecem indiciar que María de San José levaria a reforma teresiana com tanto empenho a Portugal como a outros sítios de Espanha; ou, talvez, mais ainda: que poderia levar por diante a responsabilidade de conduzir a vida do Carmelo reformado, a partir de Portugal, como a partir de Espanha.

Ao longo das extensas páginas em que a *Crónica* acompanha a vida de María de San José, submerge uma ideia transversal a quase todos os capítulos: a de que María de San José era de alguma forma uma espécie de guardiã de segredos e atitudes de Santa Teresa. O cronista refere-a como detentora de cartas assinadas da própria mão da Santa, onde esta teria exposto o seu pensamento sobre certas questões. Esta informação assume capital importância, porque promove a ideia de que as acções de Maria de San José estão fundamentadas no pensamento de Santa Teresa e em sintonia com ele. A propósito do Breve solicitado pelas religiosas ao Papa em 1590, Fr. Belchior transcreve uma carta de María de Salazar ao confessor do convento de S. José de Ávila, onde se lê: «Por este Breve me entregarei a qualquer trabalho e tormento, entendendo sirvo a minha Madre Teresa de Jesus (...). A primeira razão que me move é confirmar as *Constituições* que nossa santa Madre nos deu e ensinou, e com tanto espírito guardou e defendeu, como todas sabemos; e os nossos Padres sabem que, quando em o Capítulo de Alcalá quiseram mudar umas cousas bem pequenas, ela o contradisse e não consentiu que as mudassem, como consta de uma carta sua, que eu tenho de sua própria letra»<sup>50</sup>.

Não é a primeira vez que o cronista alude à temeridade de María de San José na defesa do património de Santa Teresa. E fá-lo pelo menos duas vezes, com palavras escritas pela própria religiosa, onde se lê a sua determinação em dar a própria vida para conseguir esses intentos. É o que ocorre na transcrição da carta que María de San José escreve em resposta à reacção de Nicolau Dória perante o Breve do Papa: «Eu de todo meu coração obedeco o que ele me manda no Breve, e creio é o mais santo e perfeito e com esta fé morrerei. E ainda que sou a mínima das filhas de nossa S. Madre, me ofereço, se for necessário, a dar a vida por todas as cousas de minha religião». Belchior de Santa Ana diz que transcreveu a carta para que todos pudessem ver o que ele próprio aí viu: a recta intenção e o zelo de María de San José<sup>51</sup>. Mas não poderá também haver aqui uma

48. Ver Joaquín SMET, *Los Carmelitas*, vol. II, 178-180.

49. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 126.

50. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 282.

51. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 284-285.

discreta intenção do cronista em apresentar María de San José como mártir<sup>52</sup> da Consulta de Dória, por amor de Teresa<sup>53</sup>?

No entanto, o mais significativo da crónica portuguesa é sobretudo o pormenor com que cobre a atitude e a personalidade de María de Salazar, acentuando a sua natural propensão para a orientação de almas, a intuição em perceber o que era certo ou errado para as circunstâncias, o dinamismo e o zelo com que amava e aplicava a *Regra* e as *Constituições* deixadas pela Santa... Tomam por isso grande significado e importância para o leitor e para a memória historiográfica da Ordem do Carmo Descalço as extensas transcrições dos textos e das atitudes de María de San José a que a *Crónica* dá largas. Tal valorização explica-se, naturalmente, pela importância de que se revestia, para este historiador da Ordem, sobretudo depois da morte de Santa Teresa, a vida da sua colaboradora e fundadora do carmelito reformado em Portugal. É que nela se cristalizava o modo de vida e a pedagogia da própria Santa Teresa e, sem ela, o *Caminho de Perfeição* e as *Constituições*, na sua «enumeración descarnada», apenas conseguiriam dar «una idea pálida de lo que fue la realidad histórica»<sup>54</sup>.

## 2.1. María de San José e Santa Teresa: um quadro de semelhanças

Nesta *Crónica* portuguesa de Fr. Belchior de Santa Ana, a figura de María de Salazar parece construir-se intencionalmente como um espelho ou uma duplicação da própria santa. O cronista apresenta nestes termos María de San José: «Foi a Madre Maria de S. José filha de N. M. Santa

52. Esta ideia parece insinuar-se também nos comentários que o cronista tece a propósito da frieza com que María de San José foi recebida em Cuerva, onde viria a morrer: «Assi permite Deus que muitas vezes os bons sigam pareceres, em seu juízo bem fundados, mas em si errados, para que sem pecado seu persigam e maltratem aos que ele quer fazer semelhantes a seu Filho, e dispô-los para grande glória (tomo I, 420).

53. As representações de mártírios nos conventos eram muito do agrado de Santa Teresa, como aliás do contra-reformismo em geral, em toda a Europa. María de San José recuperou esta preferência da Madre fundadora e dedicou-lhe particular atenção no convento de Santo Alberto: «Pôs em prática os ensaios do martírio que nossa Madre S. Teresa muitas vezes fazia nos seus conventos, sempre com grandíssimo proveito das almas (...). Dia do glorioso Apóstolo Santiago, Patrão de Espanha, se fez o primeiro ensaio de martírio em Santo Alberto, em que a Madre María de San José e a Madre Inês de Santo Eliseu foram acusadas por cristãs diante da que representava um tirano (...). A raiva e furor dos antigos Dacianos e Dioclecianos, se viu na que fazia sua figura, mandou a dous algozes que a força dos tormentos fizessem desdizer aquelas mulheres. Foi a execução qual a podia desejar qualquer juiz muito inimigo de nossa santa fé católica: porque não faltaram injúrias, açoutes, bofetadas, e outros maus tratamentos, fazendo os algozes seu ofício como se não fora representação, senão verdadeiro castigo de blasfémias. Em todos estes tormentos mostravam as duas Madres tanta alegria, como se verdadeiramente os padeceram em defesa da fé contra infiéis» (in Belchior de SANTA ANA, *Crónica* (...), tomo I, 175). O martírio era, de facto, uma dimensão de vida que sensibilizava estas religiosas carmelitas, que se dispuseram mesmo a morrer, permanecendo a pé firme dentro do seu convento, quando «vieram novas a esta cidade de Lisboa que armavam contra ela os ingleses uma poderosa armada, e que haviam de abrasar os sagrados templos e todas as pessoas eclesiásticas, às quais, como Luteranos, tem ódio mortal, efeito do Diabo que lhe possui as almas. Foi incrível o temor que causaram estas novas em toda a gente dos arrabaldes, só em o Mosteiro de Santo Alberto não entrou temor nenhum; antes as que estavam bem ensaiadas para fazer a tragédia do martírio se resolveram em a representar. E quando todos os moradores fora dos muros da cidade, com antecipadas diligências, tratavam de buscar casa dentro deles, em que se guarecessem dos perigos e riscos que se esperavam: elas dia de S. Gregório Nazianzeno, nove de Maio, juntas diante do Santíssimo Sacramento (...), fizeram voto de não deixarem o seu Mosteiro, e nele padecerem quaisquer tormentos que os Luteranos lhe dessem em ódio da fé católica. Conta-nos esta valerosa e heróica acção a Madre María de San José, em uma relação que fez da entrada dos Ingleses», narra Santa Ana, no 1.º tomo da sua *Crónica*, 175-176.

54. Ildefonso MORIONES, *El Carmelo Teresiano y sus Problemas de Memoria Historica* (...), 32.

Teresa, criada aos peitos da sua doutrina<sup>55</sup>, em a qual procurou imitá-la tanto ao vivo, que para de todo o tresladar em si não lhe faltou mais que o nome<sup>56</sup>. Da infância de María de Salazar em casa de D. Luísa de la Cerda, salienta o episódio em que María espreitava a santa «pelas gretas da porta», por ocasião dos seis meses em que Teresa de Jesús se hospedou em casa de D. Luísa, para a apoiar por ocasião da morte do marido. Deste modo se vai construindo, nesta biografia da carmelita, uma ideia de duplicação e de mimetismo entre Santa Teresa e María de San José.

São sugestivas dessa intencionalidade algumas comparações entre as atitudes e devoções de María de San José e as de Santa Teresa, não só para acentuar o grau de santidade<sup>57</sup> da biografada, de quem o cronista diz, em abertura de capítulo, que viveu «como um anjo em carne mortal»<sup>58</sup>, como para mostrar a vitalidade da pedagogia e doutrina teresianas, ou ainda acentuar, em María de San José, o perfil para sucessora de Santa Teresa.

Belchior de Santa Ana, ao longo das páginas que escreve, procura de algum modo fundir a imagem das duas mulheres, mostrando o quanto María, mais do que qualquer outra, se assemelhava com Teresa: «Parecia-lhes que ouviam a nossa Madre S. Teresa, tanto imitava sua linguagem e modo, e tão fielmente plantava nos corações o que lhe tinha ensinado»<sup>59</sup>. Todo este processo é construído na crónica de modo discreto, mas gradativo, a ponto de terminar esta última comparação com a seguinte afirmação: «Porque a Santa conheceu nela este talento pouco antes de seu glorioso trânsito, lhe escreveu que escrevesse alguns avisos para proveito das irmãs, e ao Arcebispo D. Teotónio<sup>60</sup> disse em uma carta (...) que depois da sua morte ficaria em seu lugar Maria de San José»<sup>61</sup>. María de San José é assim apresentada quer como a guardiã da doutrina de Santa Teresa, quer como a sua sucessora, por vontade da santa, em seus últimos dias. A crónica castelhana não alude a esta carta. A crónica portuguesa atribui-lhe uma carga de herança e de testamento, com a qual procurou ligar ainda mais as duas figuras.

Ler estas páginas dedicadas a María de San José equivale quase a ver uma ilustração dos pontos esboçados no *Caminho de Perfeição* e muito específicos das *Constituições* teresianas, no que diz respeito à oração, à obediência, à recriação, ao silêncio, às devoções<sup>62</sup>, à construção de ermidas nos jardins<sup>63</sup>, ao trabalho isolado, à opção pela pobreza, etc.

55. Expressões que repetirá noutro momento da *Crónica de Carmelitas Descalços*, no tomo I, 355, no âmbito desta mesma biografia de María de San José.

56. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, Tomo I, 149.

57. A construção de uma imagem de santidade de María de San José faz-se também, nesta crónica de Belchior de Santa Ana, pela referência ao corpo incorrupto da religiosa, pelo relato de alguns milagres conseguidos por intermédio da sua túnica (p. 422) e pela promessa de envio de um braço desta religiosa, como relíquia, para o convento de Santo Alberto da cidade de Lisboa, onde María de San José iniciara a fundação do Carmelo teresiano feminino em Portugal.

58. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 163.

59. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 172.

60. Engano do cronista: foi a María de San José que a Santa disse isso.

61. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 172-173.

62. A propósito do ambiente de fervor que María de San José conseguiu instaurar no convento de Santo Alberto, a crónica de Belchior de Santa Ana refere, no tomo I, 174-175, que María de San José pôs em prática os «ensaios do martírio que nossa Madre S. Teresa muitas vezes fazia nos seus conventos, sempre com grandíssimo proveito das almas», para que pelo exemplo, e não só pela palavra, se aumentasse a devoção das religiosas. Será talvez possível apontar também para um ambiente de representação dramática das vidas dos santos, sobretudo dos mártires, que se vivia no interior dos conventos carmelitas reformados por Santa Teresa. A espontaneidade deveria ser a pedra de toque desses ensaios, mas será provável que, em alguns momentos, tenha havido texto literário a sedimentar esta experiência de fervor.

63. «El estilo que pretendemos llevar es no sólo de ser monjas, sino ermitañas», afirmou Santa Teresa no *Camino de perfección*, capítulo 13, 6 do códice de Valladolid, in *Obras Completas*, edição citada, 290 .



Interessava provavelmente ao Carmelo português difundir a ideia de que tinha tido como fundadora, se não a santa, pelo menos uma sua discípula dilecta, que pertencera ao seu núcleo fundacional. María de San José não era uma carmelita «desviada», isto é, das que aderira ao reformismo de Dória, mas uma carmelita descalça autêntica, e dessa raiz nascera o Carmelo descalço feminino em Portugal. Ao colocar a tónica nestas similaridades e predilecções, o cronista Belchior de Santa Ana de algum modo legitima o Carmelo português como um Carmelo teresiano autêntico, garantindo-lhe prestígio, honra e legitimidade.

## 2.2. María de San José: história e poesia

Publicando treze anos depois de Francisco de Santa Maria, Fr. Belchior de Santa Ana parece ter desejado transmitir o que de melhor havia da memória teresiana em Portugal. Por isso, não só contou, como transcreveu cartas e poesias de María de San José. Na sua generalidade, as crónicas monásticas portuguesas transcrevem um ou outro texto mais significativo, quando relatam a vida de religiosas que produziram poesia. Neste caso, Belchior de Santa Ana procede a uma transcrição quase exaustiva da poesia da freira. Dos vinte e três poemas que hoje constituem o *corpus* fixado desta religiosa, Fr. Belchior de Santa Ana transcreve vinte, omitindo apenas três. Antes de nos questionarmos sobre o significado desta pequena ausência, deter-nos-emos no significado e importância da transcrição.

Antes de entrar para religiosa, María de San José viveu na corte de Toledo, onde, segundo o cronista, alcançou «grande nome de discreta, engraçada e Poeta»<sup>64</sup>. Dessa produção poética de corte não há hoje testemunhos, mas da poesia que escreveu como religiosa<sup>65</sup> ressalta um claro domínio de formas métricas e genológicas, que não foi com certeza adquirido na vida de clausura. Esse apetrechamento para a poesia trazia-o da corte, mas soube adequá-lo<sup>66</sup> ao contexto carmelitano em que viveu<sup>67</sup>.

Santa Teresa apreciava a poesia e sobretudo via nela grande utilidade para ocupar o tempo das recriações ou para atenuar os momentos de maior dificuldade, durante as viagens que se destinavam a novas fundações. Na «Novena Recreación» do *Libro de recreaciones*, conta María de San José: «Todo se pasaba riendo y componiendo romances y coplas de todos los sucesos que nos acontecían, de que nuestra santa gustaba extrañamente, y nos daba mil gracias porque con tanto gusto y contento pasábamos tantos trabajos, porque fueron más de los que aquí diré por no ser prolija»<sup>68</sup>. São também várias as cartas em que Santa Teresa pergunta às suas prioras como tinham celebrado o Natal, recebendo, na volta do correio, os textos poéticos que para o efeito se tinham pro-

64. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 137.

65. Existem duas composições de María de San José que antecedem a sua entrada no Carmelo, mas que consideramos pertença do seu grupo de poesia religiosa, por já expressarem as vivências místicas de um encontro com Deus.

66. Essa adequação passou, naturalmente, por uma certa contenção na sua erudição. Assim o julgamos, a partir da carta que Santa Teresa lhe escreve de Toledo, em 19 de Novembro de 1576, onde lhe proíbe o uso do Latim: «Muy buena venía la del padre Mariano, si no trajera aquel latín. Dios libre a todas mis hijas de presumir de latinas. Nunca más le acaezca ni lo consienta. Harto más quiero que presuman de parecer simples, que es muy de santas, que no tan retóricas» (Carta 147, ponto 3, *Obras Completas*, 1040).

67. As capacidades literárias que María de San José desenvolveu no Carmelo levaram Santa Teresa a designá-la como «letrera», na carta 226, de 28 de Março de 1578, ponto 8, *Obras Completas*, 1145.

68. *Escritos Espirituales*, 195.

duzido. Numa carta, datada de 8 de Novembro de 1581, incita María de San José a escrever-lhe, relatando-lhe a sua vida espiritual, e estendendo o seu convite ao envio de poesias<sup>69</sup>.

O ambiente poético, a exemplo da própria Santa Teresa, que também compôs poemas de ocasião, passou a ser um elemento identificador de uma forma de vida carmelitana, como o comprovam alguns cancioneiros carmelitas que se conservam em Espanha. María de San José procurou viver essa dimensão como prelada, incentivando a produção poética e dando ela o próprio exemplo. É como prelada em Lisboa que o que podemos suspeitar seriam as suas inclinações poéticas se replasmam em moldes mais populares, em redondilhas, abandonando o verso decassilábico dos primeiros anos de religiosa<sup>70</sup>. Escreveu então sobretudo poesia de circunstância, em metro tradicional, profundamente enxertada na vida do Carmelo, destinada às suas companheiras. A transcrição dos seus poemas na *Crónica* de Belchior de Santa Ana constitui de certo modo a fixação do primeiro cancionero individual feminino carmelitano no nosso país e, como tal, adquire na *Crónica* uma função modelar.

Simultaneamente, a transcrição dos poemas indicia uma forma de ser carmelitana, comum aos primeiros reformados (Santa Teresa, S. João da Cruz) e que, por ser então sentida como inusitada, levou a algumas perplexidades<sup>71</sup> entre os Calçados. De facto, a produção poética assumira grande projecção entre os carmelitas descalços, que faziam intercâmbio das suas poesias, a exemplo de Santa Teresa e de S. João da Cruz<sup>72</sup>. Com esta extensa transcrição das poesias de María de San José, o cronista associa a prática poética à vida comunitária do Carmelo, na esteira do que tinha sido uma preocupação de Santa Teresa<sup>73</sup> e de algum modo propõe uma possível articulação entre santidade e poesia<sup>74</sup>.

69. «De cómo le va en lo espiritual no me deje de escribir (...), y las poesías también vengan» (Carta 396, ponto 18, *Obras Completas*, 1352).

70. O verso decassilábico foi de facto o verso forte dos primeiros anos de vida religiosa de María de Salazar, se bem que a sua primeira poesia tenha sido escrita em verso de redondilha («Pide a sus ojos lágrimas», Toledo, 1562). De facto, María escreve em decassílabos os seguintes poemas: «Ansias de Amor» (Toledo, 1567), «El pensamiento en Dios» (Malagón, 1570), «Felicidad en el Carmelo» (Malagón, 1571), «Ya toda del Amado» (Malagón, 1571), «Ansias de padecer» (Sevilha, 1575) e «Amor a la cruz» (Sevilha, 1579). Seguimos como fonte de todas estas datações Simeón de la Sagrada Familia, na edição e notas que realizou para María de SAN JOSÉ (Salazar), (1548-1603), *Escritos Espirituales*, Roma, Postulación General O.C.D., 1979.

71. Exemplo dessa contra-corrente da voga poética no Carmelo é a denúncia que Fernando Suaréz e Diego de Coria, frades calçados da Andaluzia, fizeram ao nuncio Felipe Segá, em 1578: «...y a las monjas que han fundado enseñan que hagan coplas y versos y ellos las envían las que hacen» (Transcrito da «Introducción» ao *Libro de Romances y Coplas del Carmelo de Valladolid* (c. 1590-1609), Edición conmemorativa del V centenario de la muerte de Santa Teresa (1582-1982) [Ed., Introducción y Notas de Víctor García de la Concha e Ana María Álvarez Pellitero], Consejo General de Castilla y Leon. Servicio de Publicaciones, 1982, XD).

72. É sabido que S. João da Cruz ofereceu a Ana de Jesús o seu *Cântico Espiritual*. Por seu lado, Santa Teresa promoveu várias vezes o intercâmbio de composições entre os conventos. Veja-se a carta que escreveu a María de San José, em 9 de Janeiro de 1577: «Harto en gracia me han caído las coplas que vinieron de allá; enviélas a mi hermano las primeras y alguna de las otras, que no venían todas concertadas. Creo las podrían mostrar al santo viejo [Hernando de Pantoja, Prior de las Cuervas]; decir que en eso pasan las recreaciones, que todo es lenguaje de perfección, que cualquier entretenimiento es justo a quien tanto se deve» (Carta 172, ponto 9, *Obras Completas*, 1071).

73. «He mirado cómo no me envían ningún villancico, que a usadas no habrá pocos a la elección, que yo amiga soy que se alegren en su casa con moderación, que si algo dije fue por algunas ocasiones», frisa Santa Teresa em carta a María de San José, datada de 1 de Fevereiro de 1580 (Carta 315, ponto 14, *Obras Completas*, 1257).

74. Já noutro lugar propusemos esta interpretação, ao analisarmos as obras poéticas da religiosa carmelita Mariana Josefa Joaquina de Jesus O.C.D., inseridas na sua biografia devota, de autoria anónima, (atribuída a D. José Maria de Melo, Bispo do Algarve e sobrinho da religiosa) editada em Lisboa, em 1783, na Régia Oficina Tipográfica, e que constituem um dos raros cancioneiros carmelitanos femininos em língua portuguesa que hoje possuímos, já tardio. Ver Isabel MORUJÃO,

A crítica chamou já a atenção para a dimensão erudita na poesia de María de San José, que considera de algum modo alheia ao que foi tradição em Santa Teresa e nos carmelos em geral. Mas apesar dessa e de outras divergências que a poesia desta religiosa possa apresentar em relação à globalidade do que depois se veio a chamar poesia carmelitana<sup>75</sup>, há que sublinhar que a poesia do Carmelo nestes primeiros tempos, ainda sem uma tradição formada e consistente, mais do que ser fiel a certas temáticas, santos ou formas, tinha como preocupação exercer uma função, com uma finalidade: ser poesia religiosa, para fomentar a alegria e dela ser sinal, na comunidade de vida que se pretendia construir entre as religiosas de um Carmelo reformado. E também ser uma alternativa diária à vida de isolamento e de eremitismo que as religiosas levavam durante o dia, para que se pudesse dar sem custo continuidade ao rigor com que deviam respeitar o silêncio.

A transcrição das poesias de María de San José nesta crónica da Ordem confere-lhes ainda uma outra função, alheia ao contexto convivial e festivo que caracteriza a maior parte delas. Santa Ana por várias vezes justifica este recurso, aludindo à dimensão devota e espiritual que as poesias proporcionariam junto dos seus leitores. Mas subsiste também, nestas transcrições de poesia efectuada pelo cronista, uma função de creditação do discurso historiográfico: «fez a seguinte poesia, que refiro por ser prova evidente do que vou dizendo»<sup>76</sup>, diz muitas vezes o cronista.

---

«Poesia e Santidade: alguns contributos para uma percepção do conceito de santidade, a partir de duas biografias devotas de religiosas do séc. XVIII português», *Via Spiritus*, 3 (1996), 235-261.

75. Algumas das divergências consistem justamente na ausência, na poesia de María de San José, de uma dimensão hagiográfica propriamente dita. Constatando isso, Pilar MANERO SOROLLA, em «La poesía de María de San José (Salazar)», *Estudios sobre escritoras hispánicas en honor de Georgina Sabat-Rivers*. Edición e Introducción de Lou Charnon-Deutsch, Madrid, Castalia, 1992, 207-209, aponta, apesar de tudo, algumas incursões da autora nesse campo, a propósito do poema «San Alberto e San José». Penso no entanto que neste poema não há propriamente uma intenção hagiográfica, mas uma resposta a uma carta onde as religiosas do convento de S. José de Ávila lamentavam que o convento de Santo Alberto não fosse convento de S. José. A intenção não foi hagiográfica, antes histórica, não deixando até de estar marcada por um certo humor. Também na elegia «En el nombrado puerto de Ulisea», por exemplo, Elias é apenas uma referência exigida pela invocação da Ordem, não lhe correspondendo qualquer elogio ou devoção. Santo Alberto e Santa Teresa são, de facto, os santos de eleição de María de San José, mas a quem a religiosa só verdadeiramente convoca na citada elegia «En el nombrado puerto de Ulisea», que é, no fundo, sobretudo, um poema de diálogo com Santa Teresa.

76. Belchior de SANTA ANA, *Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 292. Será talvez importante referir aqui a notória relação entre poesia e história que se percebe na obra poética de María de San José. Pilar MANERO SOROLLA, em «La poesía de María de San José (Salazar)», in *Estudios sobre escritoras hispánicas en honor de Georgina Sabat-Rivers* (Ed. e introducción de Lou Charnon-Deutsch), Madrid, Castalia, 1992, 221, a propósito da elegia e das redondilhas «Ay ay, Carmelo dichoso», afirmou que María de San José tinha inovado, pois às modalidades festivas «añade la poetización de la propia historia de la Descalcez femenina en uno de sus momentos más conflictivos, decisivos y penosos». Concordando inteiramente com esta apreciação da poesia de María de San José, gostaria no entanto de ressaltar o facto de esta poetização do Carmelo não se circunscrever apenas aos momentos mais conflituosos da sua existência, nem apenas à vida da descalcez em geral. De facto, logo no primeiro poema que escreve em Portugal para justificar a escolha do patrono do convento português ter sido Santo Alberto, María de San José poetiza a história da fundação portuguesa, dando resposta poética a uma carta que as religiosas de Ávila lhe haviam escrito, desgostosas com a escolha do patrono, que elas prefeririam fosse S. José, à semelhança do 1.º convento descalço em Espanha. Também os poemas feitos às tomadas de hábito testemunham do êxito dos primeiros passos desta fundação portuguesa. E os poemas que repisam os parâmetros da vida carmelita não são só poemas de circunstância, dirigidos a noviças: são textos saídos do início da descalcez carmelitana em Portugal, e que arrancam da necessidade de enraizar o que Santa Teresa tinha estabelecido. O mesmo se poderá dizer das redondilhas «Ursula os alcance el premio», escritas para agradecer um facto histórico ocorrido durante os preparativos para a fixação das carmelitas descalças em Lisboa: o alojamento do grupo de fundadoras no convento dominicano da Anunciada. Outros poemas, no entanto, embora saídos de uma dimensão histórica concreta e à qual os poemas parecem aludir, jogam simultaneamente em dois planos: o histórico e o espiritual. De facto, o último poema que se conhece escrito por María de San José, estava ela no cárcere conventual («En la resurrección de Cristo», Lisboa, 1593), parece caber nesse enquadramento.

Sendo algumas poesias, segundo a opinião do cronista, «como um espelho em que se nos representa a alma de sua serva», a poesia surge aqui ao serviço da construção de um perfil histórico e da exemplificação e consolidação do relato<sup>77</sup>.

A função de espelho que alguns poemas de María de Salazar cumpriram pontualmente, e que o cronista refere<sup>78</sup>, alarga-se assim, através da edição da *Crónica*, a um leque muito mais amplo de carmelitas. E é de algum modo toda a poesia de María de San José que se torna em espelho de uma perfeita religiosa, de uma perfeita carmelita, isto é, de uma perfeita discípula de Santa Teresa.

### 2.3. Razões para uma ausência: exclusão ou desconhecimento?

Como se disse, das vinte e três composições conhecidas de María de San José, vinte foram editadas por Belchior de Santa Ana, tendo restado, de todo o *corpus* hoje conhecido, apenas três (umas redondilhas, um soneto e uma elegia), que se conservaram em manuscrito na Biblioteca Nacional de Madrid<sup>79</sup>. No estado actual dos nossos conhecimentos sobre os textos poéticos produzidos por María de San José, pode afirmar-se que Belchior de Santa Ana publica quase tudo, à excepção dos três textos referidos. Terá esta omissão algum significado? A sua ausência na *Crónica de Carmelitas Descalços* corresponderá a uma exclusão ou ao seu desconhecimento por parte do cronista?

A verificar-se a hipótese de Fr. Belchior de Santa Ana só ter deixado de fora três composições de María de San José, pressupondo que só foram conhecidos, na altura, vinte e três poemas de María de San José, poder-se-ia facilmente encontrar, entre esses três textos ausentes, um traço aglutinador que justificasse essa exclusão. O facto de todos três comportarem uma vertente mais política, mais polémica e mais histórica poderia ser causa desta omissão, para além do facto de que em todos eles perpassa um certo desalento e perplexidade perante as circunstâncias históricas da vida do Carmelo. Mas omitir estes poemas, por causa destes traços, parece dificilmente conciliável com a pena notável do cronista<sup>80</sup>, que procurou contar tudo, mesmo os conflitos mais graves<sup>81</sup>, perante os quais sabia que, inevitavelmente, o leitor tomaria partido.

Por isso, há que perguntar: teriam sido de facto estes três poemas tão conhecidos e divulgados como à partida sugere o seu tom exortativo e de aparente nota intervencionista, e que a crítica

---

A referência ao cárcere não funciona apenas, no texto, como uma explicitação da situação histórica do sujeito poético: ela possibilita uma leitura do «cárcere» como clausura, mas também como desterro ou fuga do mundo, inserindo-se, por esse modo, numa temática já antiga na autora, presente em poemas como «Olvido del mundo», por exemplo, escrito em Malagón, em 1571. A ser assim, a poesia de María de San José desenharia uma circularidade vital, que a faria retomar, no último poema, alguns dos temas mais fortes da sua primeira poesia, bem como o verso decassilábico e a enunciação na primeira pessoa...

77. As redondilhas intituladas *Ursula os alcance el premio* (*Crónica de Carmelitas Descalços*, tomo I, 272) são de facto transcritas para ilustrar o empenho da comunidade em agradecer a hospitalidade que as dominicanas da Anunciada haviam feito às descalças de Santo Alberto, por ocasião da sua vinda para Lisboa, enquanto ainda não tinham casa.

78. Veja-se o que diz no tomo I, 180, para justificar a inclusão do soneto «Pobre el vestido, limpio sin cuidado»: «Para que se lembrasse a noviça da obrigação que tinha de procurar a gloriosa possessão de todas as virtudes, lhe deu por espelho o seguinte soneto, que diz desta maneira».

79. «Ay, ay, Carmelo dichoso» é um texto autógrafa conservado no Ms. 2176 da Biblioteca Nacional de Madrid, fls. XX (r) – XXIV (v). A elegia «En el nombrado puerto de Ulisea» conserva-se, também em exemplar autógrafa, no Ms. 2176, fls. VIII (r) – XVII (v) da mesma biblioteca. O soneto «Su curso natural el sol dorado» também se conserva em autógrafa no mesmo Ms. 2176, fl. XVIII (r).

80. É de facto admirável a forma como Belchior de Santa Ana dá lugar à verdade histórica, mesmo quando relata momentos de tensão interna da Ordem. Para evitar julgamentos que poderiam manchar a memória de algumas figuras da Ordem, entretece os factos que conta com comentários seus alicerçados na fé e na sua experiência de religioso e profes-

tem considerado poemas de denúncia<sup>82</sup>? Ou, pelo juízo de valor que implicam, não teriam tido uma circulação mais reservada, não colectivista, para não desestabilizar as comunidades? Isso explicaria o seu desconhecimento por parte do cronista, o que parece bastante plausível.

Aliás, se estes poemas, sobretudo as redondilhas «Ay ay, carmelo dichoso», tivessem tido de facto uma grande divulgação, eles teriam com certeza agravado ainda mais os problemas de María de San José com o governo de Dória. Os versos «Pues qué remedio ha de haber,/ carilla, para tal furia?/ Irnos a la sacra curia,/ que nos podrá socorrer», bem como expressões como «guarte», «abre los ojos», «jo alerta», «no fiéis», etc. têm sido responsáveis por essa dimensão política e intervencionista, quase panfletária, que se atribuiu ao texto de María de San José. Mas o episódio do Breve teve um desenrolar marcado por um clima de sigilo e causou efeitos de surpresa em muitos círculos. Todo esse sigilo seria perturbado, se os poemas tivessem desempenhado uma função sublevadora, e Dória teria naturalmente tomado providências para que o pedido das religiosas não surtisse efeito na cúria.

A dimensão exortativa destes textos é, por isso, talvez mais poética do que propriamente pragmática, parecendo-nos que, apesar de construírem um destinatário explícito e recorrente, eles pertencem a uma fase<sup>83</sup> intimista e solitária de María de San José.

---

sor de Teologia em Coimbra. Citam-se apenas alguns extractos, para exemplo dessa serenidade que nunca o levou a omitir verdades difíceis de contar: «Não obstante isto, no [zelo] com que procedeu o nosso Reverendo Padre Fr. Nicolau de Jesus Maria, Vigário Geral, reconheço excelência desigual a todos os louvores: Pois persuadido uma vez a que convinha assi ao serviço de Deus, e ao bem das almas das religiosas, sendo necessário cortar para isso, (...) revogou a Constituição da Santa Madre» (Tomo I, 285). Em outro momento, afirma o mesmo cronista: «Assi permite Deus que muitas vezes os bons sigam pareceres, em seu juízo bem fundados, mas em si errados, para que sem pecado seu persigam e maltratem aos que ele quer fazer semelhantes a seu Filho, e dispô-los para grande glória» (tomo I, 420).

81. Aliás, estes três textos, ou por convicção, ou por tópico literário, terminam com uma nota de esperança, que afastaria qualquer eventual relutância do cronista em publicar textos menos alegres. Por outro lado, a estes argumentos deve juntar-se ainda a constatação de que a poesia de María de San José é, em alguns pontos, o prolongamento ou eco dos seus escritos doutrinários, bastante difundidos e já editados em França por alturas da redacção desta *Crónica*. Em *Ramillete de mirra*, em *Consejos que da una priora* e no *Libro de Recreaciones*, María de San José repisa com frequência esta tónica da alegria, que não resultaria incoerente ou esbatida, se os poemas em causa fossem então editados. Por outro lado, fazendo apelo ao que foi a intenção do cronista quando transcreveu a poesia, estes três textos omissos também confirmariam a credibilidade do relato e mostrariam o que ia na alma da religiosa.

82. María Pilar MANERO SOROLLA, «La poesía de María de San José (Salazar), in *Estudios sobre escritoras hispánicas*, 213 parece inclinar-se para este activismo poético-político de María de Salazar: «Haciendo de la Orden su magno interlocutor, nuestra poetisa prodiga, a lo largo de 37 redondillas, grandes voces de alarma y repetidos avisos». Também Ildefonso MORIONES, *El Carmelo Teresiano*, p. 55 afirma: «También entre las monjas sonó pronto la alarma sobre el cambio de rumbo que comenzaba a significar el gobierno del padre Doria. El primer testimonio que poseemos es el de María de San José (Salazar), que en unas redondillas compuestas en 1586 exhorta a sus hermanas a mantener el estilo y la legislación que les había dejado en herencia su Madre Fundadora». Do nosso ponto de vista, estas redondilhas encerram um pormenor ainda mais curioso: a exibição de uma data, no final do poema, e a indicação de que alguém irá mais tarde dar-lhe razão: «En el año seis de ochenta,/ como sabéis, esto digo:/ alguna será testigo/ que probará la tormenta». Este futuro aqui aludido poderá fazer diferir a data da recepção do poema para um tempo muito mais tardio ao da sua produção, retirando-lhe assim o seu papel interventivo e sublinhando sobretudo a sua intenção profética... As profecias destinam-se a serem descodificadas mais tarde. A data seria desnecessária, se o poema tivesse sido pensado para uma difusão imediata e generalizada. É a única vez que a autora recorre a este estratagema. Víctor GARCÍA DE LA CONCHA e Ana María ALVAREZ PELLITERO, na já referida «Introdução» ao *Libro de Romances y Coplas del Carmelo de Valladolid*, citam justamente esta elegia para justificar a importância da poesia nos meios carmelitanos. E afirmam: «Nada podía frenar el espíritu que alentaba aquella nueva empresa de libertad de espíritu, y las propias coplas cumplirán una función importante cuando, a raíz de la muerte de la santa madre, estalle la polémica entre los rigoristas de Doria y los humanistas de Gracián» (p. XI). Ora não se sabe, de facto, a quem se dirigiu o texto em causa, os trilhos da sua circulação ou os meandros da sua recepção. Seria um texto mandado a Ana de Jesús e a Gracián? A tonalidade exortativa é de facto um tom interno ao poema, que não tem que ter tido, necessariamente, um correlato de exterioridade. Onde fica a poesia e até onde vai a história?

83. A poesia de María de San José apresenta duas faces. A face mais comunitária, geralmente em metro tradicional

2.4. A *Crónica* de Belchior de Santa Ana: Uma resposta? Uma posição?

Há que perguntar finalmente, perante o exposto, como explicar esta atitude tão contrastiva entre dois cronistas, um castelhano e um português, que escrevem com apenas treze anos de distância. Será a *Crónica* (...) de Belchior de Santa Ana uma resposta a essa crónica castelhana contada numa perspectiva dorian, e portanto numa atitude reservada relativamente aos frutos do Carmelo primigénio? Ou será uma posição de historiador que pretende colocar a verdade acima de qualquer ideologia? Ou serão ambas as coisas?

A historiografia do Carmelo descalço exhibe, desde o séc. XVI, duas atitudes distintas<sup>84</sup>: uma mais simples e testemunhal, associada à preocupação em contar a vida como a vida era (e estão nesse caso o *Livro das Fundações* redigido por Santa Teresa, que constitui em rigor a primeira História do Carmelo Descalço, o das *Fundações* redigido pelo P. Gracián mas que ficou inédito e se perdeu, e as fontes narrativas da primeira geração de carmelitas [como as de M.<sup>a</sup> de San José, por exemplo, no *Libro de Recreaciones*]); e outra, de perspectiva oficial, patente nessa *Reforma de los Descalzos de N. S. del Carmen*, de Francisco de Santa Maria, editada em 1644, em Madrid, onde a preocupação de transmitir uma ideologia prevalece sobre a própria vida, muitas vezes com sacrifício da verdade histórica.

Treze anos depois, em Portugal, Fr. Belchior de Santa Ana, dizendo no prólogo «Ao Leitor» que «é cousa dificultosa escrever bem História», admite no entanto que seguirá pontualmente as suas leis. E afirma: «A verdade (...) será de tanta inteireza, que ela mesma assegurará sem suspeita aos leitores, colhida sempre das memórias originais, que se conservam nos arquivos dos conventos, e eu li; e de testemunhos, que deram debaixo de juramento e preceito todos os religiosos da Província, aos quais pessoalmente examinei, lançando só mão do mais bem provado; porque acho que o duvidoso não se deve admitir entre as verdades, nem pode honrar aos que foram tão verdadeiros»<sup>85</sup>.

Nestas declarações de Belchior de Santa Ana colhe-se a ideia da dificuldade do terreno histórico em que o cronista trabalhou. O critério de verdade é uma posição sua inabalável. Haverá que averiguar, noutra lugar, se o seu trabalho teria sido também uma resposta à crónica castelhana<sup>86</sup>.

---

(María de San José não abandonou de todo as formas mais eruditas nessas composições de carácter mais comunitário, como o comprova o soneto redigido em 1589 para uma noviça, em que expõe o que entende ser uma carmelita reformada, inserido em *Escritos Espirituales*, 526), foi com certeza a que mais circulou. A outra, mais intimista, a que normalmente dá corpo em modalidades mais eruditas e num metro decassilábico, foi a poesia dos seus primeiros tempos de Carmelo e também a dos últimos. Os poemas que então escreveu não devem ter sido para a recriação, nem para o coro, mas talvez para outras preladadas e preladados de outros conventos, para uma escolha restrita, de difusão mais cerrada. Ana de Jesús e Jerónimo Gracián poderiam estar entre esses receptores privilegiados...

84. Secundamos a opinião de I. MORIONES, *El Carmelo Teresiano*, 84.

85. Fr. Belchior de SANTA ANA, «Ao Leitor», *Crónica de Carmelitas Descalços*. Na «Aprovação» de Fr. Miguel da Anunciação, o Provincial afirma: «A verdade, que é a alma da História, vai mui apurada, porque o Autor se desvelou com particular cuidado em descobri-la, e foram suas diligências de grande utilidade». Poderemos avançar que, no que diz respeito à permanência de María de San José em Portugal, a crónica portuguesa parece ter cabalmente cumprido a sua missão de história, que só pela ausência de fontes «a que por nenhum modo pôde dar alcance» o cronista não terá estendido com maior pormenor à vida desta religiosa por terras castelhanas.

86. Será de facto um trabalho interessante, sobretudo porque um cotejo minucioso das duas crónicas aqui referidas, de Francisco de Santa Maria e de Belchior de Santa Ana, revela que o cronista português talvez conhecesse bem essa *Reforma de los Descalzos*, que em certos extractos segue de muito perto. Veja-se, por exemplo, a informação sobre a estreita correspondência entre Santa Teresa e María de San José: «Hoje se acham mais cartas da Santa para ela só, que para todas as mais freiras da Ordem», afirma Santa Ana, no tomo I, 151. Esta frase é uma tradução literal da afirmação de Francisco de Santa Maria, no tomo I, 526: «Y oy se hallan mas cartas para ella sola, que para todas las demás Monjas de la Orden».